



GUERRA NA UCRÂNIA

# Acordo Trump-Putin enfurece Zelensky

A 20 dias das eleições legislativas, e sob risco de ficar em minoria no Congresso, presidente dos EUA levanta sanções à Rússia, em especial sobre as exportações de diesel, e compromete a estratégia do governo de Kiev no conflito com Moscou

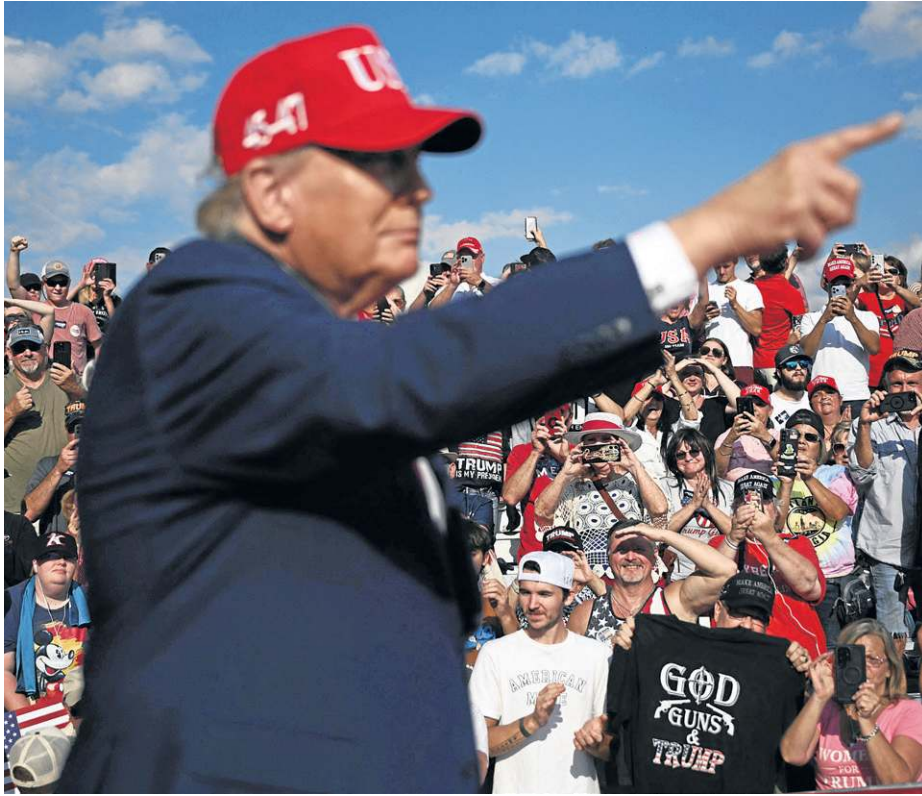
» SILVIO QUEIROZ

Desde que foi humilhado por Donald Trump no Salão Oval, em 2025, diante das câmeras, Volodymyr Zelensky não trocava declarações tão ríspidas com um aliado essencial para sua estratégia de resistência à invasão da Ucrânia pela Rússia, que caminha para completar cinco anos em fevereiro. A semana termina, para o governo de Kiev, com mais um entreeno público, desde que o presidente anunciou um acordo entre as duas partes para suspender ataques ao setor energético. As forças ucranianas retomaram os bombardeios, alegando que Moscou não teria cumprido sua parte — e Zelensky ouviu o colega norte-americano condená-lo por uma conduta que chamou de “vergonhosa”.

Mais grave, porém, foi a decisão da Casa Branca de suspender as sanções unilaterais, extensivas a terceiros países, sobre a importação de diesel da Rússia — inclusive para o mercado norte-americano. Na noite de sexta-feira, revogou um lei, aprovada pelo Congresso, que autorizava sobretaxas de até 100% a países como China e Índia, compradoras de petróleo russo, e levantou as medidas contra a chamada “frota fantasma” de petroleiros usada por Moscou para contornar embargos. Em resposta, reunido com chefes de Estado e de governo da Europa, igualmente contrariados pela guinada de Trump, Zelensky falou da satisfação de estar na presença de “verdadeiros líderes”. Classificou como “lamentável” o alívio nas sanções dos EUA, que “recompensa Putin financeiramente e o incentiva a continuar nos atacando”.

Especialistas ouvidos pelo **Correio** relacionam as iniciativas da Casa Branca diretamente com as eleições de 3 de novembro, em que as pesquisas apontam como possibilidade real a conquista da maioria pela oposição democrata em ambas as casas do Legislativo. “O aumento dos preços dos combustíveis no mercado interno é um problema político imediato para o presidente, e os ataques ucranianos

Brendan Smialowski/AFP



Queda de popularidade e cálculo eleitoral determinam guinada de Trump

Nicolas Tucat/AFP



O presidente ucraniano com os colegas europeus: queixas públicas

## Palavra de especialista

### Custo alto

Desde aquele fatídico encontro entre Trump e Zelensky no Salão Oval da Casa Branca, sabemos que a postura de Trump sempre foi tentar sair de uma vez por todas da guerra, de retirar o apoio à Ucrânia. E o custo, para os EUA, vem aumentando mês a mês. E Trump, quando disputou a eleição de 2024 com Joe Biden, atacou o adversário

pela ajuda financeira e logística a Kiev no enfrentamento com a Rússia. Agora, com as eleições se aproximando, ele quer um acordo para interromper a guerra, de qualquer maneira. E já não aguarda mais um acordo de paz para seguir negociando com Putin.

**Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB)**

às refinarias russas passaram a ser vistos por Washington também pelos possíveis efeitos sobre o mercado internacional de petróleo”, analisa o professor de relações internacionais Gunther Rudzitz, da ESPM.

“Estão em disputa as 438 cadeiras da Câmara e um terço das 100 vagas no Senado”, lembra Roberto Goulart Menezes, professor titular

do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB. “Trump tem apenas 32% de aprovação, e outro fator que pesa é o envolvimento dos EUA na guerra contra o Irã e no conflito da Ucrânia com a Rússia, onde o país não tem tropas, mas é o principal financiador de Kiev”, completa o estudioso. A perda de ambas as casas, ou mesmo de ape-

nas uma delas, vai debilitar ainda mais o apoio dos EUA à Ucrânia, porque ele depende de aprovação do Congresso, e uma maioria hostil ao governo tende a não priorizar gastos militares.”

### Nova estratégia

O professor da ESPM não acredita que Trump tenha “abandonado completamente” Zelensky, mas concorda que o alívio das sanções unilaterais à Rússia enfraquece a posição do presidente ucraniano no campo de batalha. “Ao pressionar Kiev para interromper os ataques contra a infraestrutura energética russa, enquanto busca um entendimento econômico com Moscou, ele acaba restringindo uma das poucas formas de que ele dispõe para aumentar os custos da guerra para Putin”, observa. “O problema é que a Ucrânia continua dependendo dos EUA, sobretudo em inteligência e sistemas de defesa aérea. Portanto, mais do que um abandono formal, estamos vendo uma mudança nas prioridades americanas,

que pode deixar Zelensky cada vez mais vulnerável.”

Menezes, do Irel/UnB, entende que a Casa Branca “está mudando sua estratégia para o conflito” na Europa. Ele pondera que, em última instância, “o que o Kremlin quer é o fim das sanções contra sua economia, e isso pode estar ou não sobre a mesa”. De seguro, o especialista identifica, no tom das críticas de Zelensky e dos líderes europeus aos EUA, a constatação de que “a Ucrânia e a Europa estão perdendo o apoio de Trump — ou melhor, dos cofres norte-americanos”, principal fonte de financiamento para o esforço de guerra ucraniano e para a política europeia de defesa coletivas, assentado na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

### “General inverno”

Ambos os estudiosos chamam a atenção para um fator militar proverbial na história militar da Rússia, conhecido como “general inverno” desde a derrota retumbante das tropas invasoras do imperador fran-

cês Napoleão Bonaparte, no início do século 19. “A Ucrânia vai entrar em breve no inverno em uma situação bastante delicada: Moscou continua atacando sua infraestrutura energética, procurando enfraquecer não apenas a capacidade militar ucraniana, mas também a resistência da população civil”, avalia Rudzitz. Ele acrescenta, como complicador, a escassez de sistemas de defesa antiaérea, conjugada à redução do apoio de inteligência pelo sistema de geolocalização Starlink. “Isso não significa que uma grande vitória militar russa seja inevitável, mas aumenta a vulnerabilidade ucraniana e pode permitir que Putin intensifique a pressão militar e política.”

Na mesma linha, Menezes, do Irel/UnB, entende que, sem apoio de Washington e com a Europa em dificuldades econômicas para reforçar suas capacidades — um fator ilustrado pela onda de protestos sociais no continente —, a Ucrânia “terá dificuldades ainda maiores para resistir”. E, com a chegada do inverno, “a Rússia poderá ter mais essa variável trabalhando a seu favor”.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

## A POLÍTICA DA ECONOMIA NO MUNDO

Paul Samuelson, laureado já no segundo ano de existência do Nobel de Economia — quando a fila era muito mais longa do que hoje —, escreveu o livro-texto que dominou mundialmente a formação de economistas na segunda metade do século 20. Segundo relatos confiáveis, ele entendia seu poder e gracejava: “Pouco me importa quem escreve as leis de uma nação, se eu puder escrever seus manuais de economia”. Ele nunca poderia imaginar que montar um instituto de pesquisa e manipular dados políticos e econômicos nos levaria ao mundo em que vivemos hoje. Antigamente, formar o olhar e as práticas de gerações para as ações do Estado significava influenciar quais perguntas merecem resposta, quais políticas contam como possíveis e quais argumentos parecem respeitáveis.

Esse poder tenta reaparecer todo dia nos telejornais: “minha fonte junto aos economistas”; “os economistas apontam”,

“muitos economistas avaliam”, “economistas demonstram”. Frequentemente, essas fórmulas são usadas para vestir afirmações com um manto místico de respeitabilidade incontestável. Também é bastante frequente que nem se diga com clareza a que “economistas” se referem. A palavra por si só é usada tal qual um espantalho graduado.

Em eleições, o recurso se intensifica: escolhas com impacto distributivo de renda ganham aparência de necessidade técnica. Seja para cortar ou para expandir. E há sempre a relevante circulação entre lado privado e lado público feita por economistas engajados. Trump já seguiu o conselho dos seus: prometeu US\$ 5 mil para todos os americanos se vencer as eleições de novembro para o parlamento.

No centro da economia global — EUA, Europa Ocidental, Japão e, cada vez mais, a China — a circulação é mais teórica, ocorre mais entre universidades

e o poder que as financia. Nos países pobres a circulação é mais prática e ocorre entre sistemas de crédito e poder político. Os EUA popularizaram ambos os modelos. No Brasil, há um pouco dos dois. Quem tem boleto a receber é governista, quem tem a pagar é oposicionista.

Em Washington, no início do mês de outubro, economistas e outros cientistas sociais de ponta e gestores públicos projetaram crescimento mundial de 3,2% em 2026 e 3,1% em 2027; enquanto os Estados Unidos cresceriam 2,3% e 2,2%; a Área do Euro, 0,9% e 1,1%; e o Brasil, 2,0% e 1,4%. Vejam que o Brasil cresce o dobro dos principais países da União Europeia neste 2026. E a expectativa de 1,4% para 2027, que ainda segue acima do crescimento europeu.

Há exemplos dessa circulação entre universidade e poder. Projeções dependentes de premissas, inclusive geopolíticas e as universidades são melhores do que

os governos quando querem pensar livremente. O mapa do crescimento acompanha disputas por energia, equilíbrio climático, mercados e domínio tecnológico. Parte muito relevante do capital internacional enxerga o Brasil com mais entusiasmo do que parte barulhenta do capital nacional, à qual só parece interessar ganhos de curto prazo que não demandam investimento. Quanto mais a renda do país se eleva por habitante, mais difícil fazer tal país crescer. Enquanto países atrasados podem crescer adaptando tecnologias existentes, quando se aproximam da fronteira, precisam inventar para sair da periferia. Para inventar melhor, precisam de divergir menos sobre política e se educar melhor para investir em ciência e tecnologia. Pantanal, Cerrado e Caatinga, por exemplo, três biomas brasileiros, estão à beira do ponto sem retorno. Vão virar deserto. Alguém já viu a política se interessar por isso?

A convergência com o mundo rico é uma condicional para o crescimento dos países em desenvolvimento. Depende de reconfigurações políticas capazes de calibrar inconformismos desnecessários.

Depende de educação política mais do que educação básica e fundamental. Depende de mais dinamismos do que apego às estruturas. Depende de respeito às instituições, boas regras e investimentos. Os EUA seguem crescendo com a única coisa que sustenta crescimento se você quer ficar e se manter rico: respeito ao conhecimento e inovação sem se deixar contaminar pela política. Por lá, tanto democratas quanto republicanos investem tubos de dinheiro público nisso.

A IA é uma nova variável importante nessa trajetória de convergência da renda. Para o Brasil viabilizar infraestrutura precisa também formar profissionais, desenvolver fornecedores, conectar empresas menores e ampliar pesquisa. Se, por um lado, nossa energia limpa é vantagem, usar tecnologia importada sem aprendizagem profunda e transbordamento local pode é reforçar dependências e a dificuldade de se manter entre as oito maiores economias do mundo, que é onde o Brasil deve sempre estar.

PAULO DELGADO, sociólogo.